

**A RECUSA DA MATERNIDADE NOS EMBATES ENTRE O CORSET
E A FUNÇÃO REPRODUTIVA**

*The refusal of maternity in the struggle between corset and the
reproductive function*

*El rechazo de la maternidad en los impactos entre el corset
y la función reproductiva*

Roseana Sathler Portes Pereira¹

¹ Corsetière e professora universitária. Mestre pelo programa de pós-graduação em Têxtil e Moda da Universidade de São Paulo, pós-graduada em Modelagem do Vestuário pelo Instituto Federal do Sul de Minas Gerais, bacharel em Moda e especialista em Gestão Empresarial. Como docente leciona nas áreas de Produção, Gestão e Criação de Moda. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2212368077756297>; ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3390-1855> ; email: rosesathler@gmail.com

RESUMO

O presente trabalho se trata de um desdobramento da pesquisa de mestrado da autora e se propõe a investigar, através dos estudos de Elizabeth Badinter (1985), as relações entre a amamentação materna e as críticas moralistas direcionadas ao uso de *stays* e *corsets*, que se dão principalmente na França, Inglaterra e Alemanha urbanas do século XVIII e XIX. A pesquisa qualitativa com fontes bibliográficas e museológicas, demonstra que as preocupações do Estado com a manutenção e incremento do capital humano impactaram a forma como tais vestimentas foram percebidas. As alterações que se deram na modelagem e estrutura de *stays* e *corsets* são, portanto, testemunhas do processo responsável por inscrever as práticas da maternidade no interior da noção de feminilidade.

Palavras-chaves: *stays*; *corsets*; maternidade; função reprodutiva.

Abstract

The present work follows on the master's research of the author and aims to investigate, through the studies of Elizabeth Badinter (1985), the relations between breastfeeding and the moralistic criticism directed to the use of stays and corsets, which mainly took place in France, England and Germany urban regions from 18th and 19th centuries. The qualitative research with bibliographic and museum sources demonstrates that the State's concerns with the maintenance and increase of human capital impacted the way such garments were perceived. The changes occurred in the shape and structure of stays and corsets are, therefore, witnesses of the process responsible for incorporating the practices of motherhood within the notion of femininity.

Keyword: *stays*, *corsets*; *motherhood*; *reproductive function*.

Resumen

El trabajo se trata de un desdoblamiento de investigación de maestría y se propone a sondear a través de los estudios de Elizabeth Badinter (1985) las relaciones entre el amantamiento materno y las críticas moralistas direccionadas al uso de stays y corsets, que se dan principalmente en Francia, Inglaterra y Alemania urbanas del siglo XVIII y XIX. La investigación cualitativa con fuentes bibliográficas y museológicas, demuestra que las preocupaciones del Estado con el mantenimiento y aumento del capital humano impactaron la manera como esas vestimentas fueron percibidas. Los cambios que se dieron en el modelado y estructura de stays y corsets, son por lo tanto, testigos del proceso responsable por inscribir las prácticas de la maternidad en el interior de la noción femineidad.

Palabras clave: *stays*, *corsets*; *maternidad*; *función reproductiva*.

1 INTRODUÇÃO

*Bodies, stays e corsets*², compuseram a vestimenta de mulheres europeias desde o século XVI até o século XIX. A partir das primeiras décadas do século XX, gradativamente se tornaram obsoletos e substituídos por novas peças modeladoras. O uso de tais trajes inicialmente destinados à aristocracia, se disseminou a partir do século XVII, sendo adotado por diferentes classes sociais. Já neste período, Bendall (2017) observa que *bodies* e *stays* figuravam nas posses de pelo menos a metade das mulheres da Inglaterra, para no século XIX se tornar uma vestimenta feminina normativa a todas as classes sociais, visto que a industrialização de sua feitura possibilitou a sua comercialização a preços módicos.

As recorrentes gestações foram parte intrínseca da vida das mulheres adultas casadas durante este mesmo período. Desprovidas de métodos contraceptivos eficazes, eram grávidas que tais mulheres exerciam seus papéis sociais. Ecos desse fenômeno reverberaram na forma como as crianças eram percebidas enquanto seres de pouca importância. Ariès (1986) nota que até o século XIX as crianças eram despersonalizadas, podendo ser facilmente substituídas pela próxima, caso algum mal lhe acometesse.

O uso de *stays* e, tardiamente, de *corsets*, não era suprimido durante o período gestacional, o mesmo ocorria para toda a vestimenta usual, cuja confecção contava com o emprego de mecanismos que possibilitassem tanto o ajuste quanto a ampliação das circunferências, para adaptá-las às diferentes dimensões do corpo. As amarrações são um exemplo de tais mecanismos, elemento essencial para o ajuste na *corseteria*, eram especialmente elaboradas para as peças destinadas às gestantes. Cabe ressaltar a escassez e indisponibilidade desses trajes, que representavam bens tão valiosos a ponto de constarem nos inventários familiares (ROCHE, 2007).

O artigo *Tailleurs du Corps* da Enciclopédia ou Dicionário razoado das ciências, das artes e dos ofícios de Diderot e D'Alembert (2015), publicada entre 1751 e 1772, trata sobre a profissão do alfaiate que se encarrega da confecção de *stays*, ou *corps*, em francês. Nele consta a ilustração de um exemplar destinado ao período gestacional e, exceto pela adição de uma fileira de ilhoses nas laterais, além das localizadas na região dorsal, a peça é exatamente idêntica a seus pares.

A amarração lateral adicional é uma característica persistente nos *stays* destinados à gestação. Entretanto, como nos apresenta Diderot e D'Alembert, nenhuma outra adequação significativa à anatomia de mulheres gestantes foi empregada em tais peças até

² Os termos da língua inglesa *bodies* e *stays*, correspondem às nomenclaturas das primeiras vestimentas enrijecidas e estruturadas, sobretudo com barbatanas de baleia, destinadas a vestir o torso feminino no século XVI. Sua nomenclatura, bem como a sua forma, modelagem, e estrutura, altera-se no século XIX, recebendo o nome de *corset*. Segundo Arnold et al. (2018), o termo *bodies* foi utilizado nos primeiros 50 anos após a sua introdução definitiva no vestuário europeu, dessa forma, para os fenômenos abordados neste trabalho, o uso dos termos *stays* e *corsets* é mais pertinente.

o século XIX. *Stays* conservaram a característica verticalidade de sua modelagem, mantendo a frente planejada, tanto na região do busto, quanto sobre o ventre.

A mesma funcionalidade pode ser observada em *stays* pertencentes ao Museu parisiense Palais Galliera, cuja confecção remete período entre 1750 e 1770. Além da amarração dorsal, a vestimenta apresenta outras duas em ambas as laterais para possibilitar a abertura necessária durante a gestação. Tal recurso também viabiliza a possibilidade de recobrar as dimensões originais da peça, quando totalmente fechada.

É apenas a partir do século XIX, que trajes íntimos estruturados específicos para o corpo gestante são desenvolvidos e disponibilizados (MOON, 1995). Uma patente norte-americana registrada por Elizabeth Adams, no ano de 1841, apresenta a invenção de um *corset* para a gestação que também seria adequado para mulheres que sofrem de fraqueza abdominal ou hernia. Ao relatar o propósito e os benefícios de sua invenção, Adams (1841) reforça que o seu objetivo é evitar pressões incômodas e prejudiciais para a sua usuária, além de possibilitar que o peso do abdome seja distribuído e suportado também pelos ombros, a fim de oferecer alívio.

A peça é repleta de dispositivos engenhosamente elaborados para proporcionar os resultados que promete, as barbatanas que a estruturam seriam pré-moldadas em um formato arredondado, as alças seriam incorporadas para suporte, seu comprimento seria mais longo para abranger toda a região frontal durante a evolução da gestação. Para garantir a flexibilidade, a autora acrescenta o uso de elásticos e uma sequência de quatro amarrações dispostas sobre a região do ventre, além da amarração dorsal.

O exame da criação de Elizabeth Adams (1841) nos apresenta uma ruptura com os modelos citados anteriormente. Apesar de continuarem a ser usados durante a gravidez, os *stays* dos séculos XVII e XVIII, claramente não consideram as formas e as necessidades do corpo gestante, a possibilidade de expansão do seu diâmetro parece corresponder ao desejo de adequação da vestimenta aos diferentes estágios do corpo, sem demonstrar nenhum interesse em contribuir para as necessidades decorrentes do estado gestacional.

A comparação entre tais peças provoca reflexões sobre as relações entre *stays*, *corsets* e as funções maternas. Dada a relação íntima que estabeleceram com a corporeidade feminina, revestindo, moldando e proporcionando suporte ao corpo, seriam as alterações identificadas em sua materialidade capazes de refletir as mudanças na forma como a gestação e a maternidade foram percebidas?

2 A RECUSA DA AMAMENTAÇÃO E DO CUIDADO COM OS FILHOS

Em *Um amor conquistado: o mito do amor materno* Elizabeth Badinter (1985) examina o processo de construção social relativamente recente das práticas da maternidade, que hoje são tomadas como instintivas e naturais. Para tanto, a autora examina as espantosas taxas de mortalidade infantil do final do século XVIII.

Badinter (1985) constata que a cada quatro franceses nascidos, um não passaria do primeiro ano de vida. As causas de tal fenômeno são multifatoriais. Como vimos, o lugar ocupado pela criança na sociedade e nas dinâmicas familiares era marginalizado. Tal ausência de prestígio se fazia notar na clínica. Eram poucos os médicos que se dignavam a atender pacientes de pouca idade. Contudo, é na ausência do cuidado e, principalmente da amamentação maternos, que Badinter (1985) concentra a sua investigação. Segundo a autora, no ano de 1780

das 21 mil crianças que nascem anualmente em Paris, apenas mil são amamentadas pela mãe. Outras mil, privilegiadas, são amamentadas por amas-de-leite residentes. Todas as outras deixam o seio materno para serem criadas no domicílio mais ou menos distante de uma ama mercenária (BADINTER 1985, p. 19).

O fenômeno da amamentação mercenária teria se originado na aristocracia, e ficaria restrito a ela até o final do século XVI. Contudo, Badinter (1985) argumenta que no século XVIII, a prática de delegar a amamentação e o cuidado dos filhos às amas-de-leite se popularizou entre todas as camadas sociais urbanas da França, Inglaterra e Alemanha, inclusos os pobres.

Tal renúncia do exercício das funções maternas poderia ser motivado por duas razões distintas. A recusa necessária ocorria nas camadas desprivilegiadas financeiramente. Badinter (1985) argumenta que as famílias burguesas comerciantes não viam outra escolha senão enviar seus bebês para serem nutridos e cuidados por mulheres do campo, visto que as atividades exercidas pelas mães eram fundamentais para sua escassa rentabilidade. A dedicação ao cuidado materno, significaria, portanto, um prejuízo irrecuperável para a economia familiar.

A contratação de uma ama-de-leite representava uma solução mais vantajosa do que o emprego de um ajudante, fato que nos possibilita compreender as condições indignas às quais essas mulheres, suas famílias e as crianças sob sua tutela estavam submetidas.

A situação era ainda mais penosa para os trabalhadores braçais que, em situação semelhante, não viam outra alternativa a não ser destinar parte de seu parco rendimento para o pagamento de amas que se encontravam em situação semelhante. Aos pobres, segundo Badinter (1985), restava abandonar seus filhos em orfanatos ou conservá-los em casa, onde eram criados em circunstâncias execráveis.

Ainda que dispusessem de todas as condições materiais para fazê-lo, as classes privilegiadas renunciavam a nutrição e o cuidado materno voluntariamente. Nas famílias abastadas, assim como na aristocracia, muitas amas eram residentes nas casas de seus empregadores, ou viviam em cidades vizinhas. A recusa de se dedicar ao aleitamento materno era justificada por razões diversas.

Badinter (1985), observa que a sensibilidade nervosa, a fragilidade do corpo e as consequências estéticas da amamentação, como a flacidez das mamas, eram frequentemente usadas como argumentos para prescindir da tarefa de nutrir os próprios filhos. Além disso, tal prática feria os códigos de sua classe social, visto que não era adotada nem por mulheres pobres.

Se por um lado, a amamentação era também tomada como prática impudica, por outro, vigorava a crença de que o sêmen poderia azedar o leite. Este era um atravanco para a retomada das práticas sexuais após o parto do bebê, o que frequentemente levava ao indesejável adultério dos maridos. A dedicação aos filhos implicava também na vida social de tais mulheres, que teriam que se privar da efervescência dos concorridos salões.

Badinter (1985) acrescenta ainda que um outro interesse feminino surgia nesse contexto. Denominadas pela autora como filósofas, tais mulheres se dedicavam à sua própria instrução e advogavam em prol da educação de jovens meninas. Seus esforços se voltavam para as formas de recuperar os prejuízos de uma formação empobrecida à qual lhes era destinada durante a juventude. Este comportamento se contrapunha aos valores hedonistas de sua classe.

Para elas, as gestações, bem como toda e qualquer ocupação decorrente da vida familiar e de sua posição social representavam um fardo. Sua atitude considerada egoísta foi amplamente censurada, “De Montaigne a Rousseau, passando por Molière e Fénelon, conjuram-nas a voltar às suas funções naturais de dona-de-casa e de mãe. O saber, dizem eles, estraga a mulher, distraíndo-a de seus deveres mais sagrados” (BADINTER, 1995, p.110).

3 O CORPO ESGUIO E OS STAYS NA COMPOSIÇÃO DE UM PADRÃO DE BELEZA

Até o século XVIII, como vimos, os *stays*, cujo uso já havia se difundido para além dos limites da corte, promoviam uma aparência esguia e verticalizada. Sua modelagem cônica, projetava sobre o torso um formato triangular, afunilado em direção à cintura. Ao contrário de seus sucessores, *stays* não consideravam as curvas do corpo, o volume do busto, de modo geral, era comprimido e projetado em direção ao decote, da mesma forma,

o abdome assumia um formato planejado que, no caso das gestantes, pousava sobre a barriga avantajada sem contorna-la.

Essa aparência esguia do torso, bem como a moderação e firmeza do busto comprimido e suspenso, foi alvo de arrebatados elogios. Os resultados da investigação de Singh et al. (2017) sobre a obesidade na representação da beleza feminina na literatura britânica dos séculos XVI a XVIII demonstraram que foram insistentes os elogios à magreza, ao diâmetro reduzido da cintura, e aos seios arredondados e firmes.

Vigarello (2013, p.22, tradução nossa), nota a consolidação de tais características na construção do gosto, já no final do século XIII,

No Romance of Rose, também do século XIII, Fortem tem uma renda amarrada na cintura que ela levanta para apoiar os seios. Enquanto isso, Nicolette permite que suponham em seu corpo seios firmes com uma cintura tão fina “que suas duas mãos poderiam se fechar ao seu redor”. Em outras palavras, a magreza se torna um critério obrigatório ³.

Para Singh et al. (2017), fica claro que essas características são próprias de um corpo jovem, que apresenta altos índices de estrogênio. No decorrer do envelhecimento, tais níveis tendem a diminuir ocasionando mudanças corporais como o aumento da circunferência da cintura. A relação entre a beleza, a figura esguia, a firmeza das mamas e a juventude, se estabelece, portanto, como um padrão de aparência desejável e admirado, este pode ser conquistado por meio dos efeitos promovidos pelo uso de *stays*.

4 O CONTROLE SOBRE OS CORPOS DAS MULHERES E A CENSURA AO USO DOS STAYS: UM CHAMADO PARA O EXERCÍCIO DAS FUNÇÕES MATERNAS

Para Badinter (1985) o processo responsável por inscrever na noção de feminilidade o amor maternal enquanto um afeto inato, se inicia no último terço do século XVIII, após 1760, coincidindo com a publicação de *Emílio ou da Educação* do filósofo francês Jean-Jacques Rousseau, em 1762. A obra representa um marco das novas expectativas sociais para a agência feminina. A autora enfatiza que tal fenômeno é uma consequência dos discursos filosóficos vigentes, aliados aos políticos e aos oriundos da medicina.

A emergência da demografia no século XVII direcionou os olhares do Estado para as taxas de natalidade. Ao ser tomado como indicador de sua supremacia, o capital humano passa a ser controlado, medido, e esforços em prol de seu crescimento passam a protagonizar os debates políticos.

³ In the Romance of the Rose, also from the thirteenth century, Fortem has a lace tied around her waist that she raises to support her breasts. Meanwhile, Nicolette allows one to suppose firm breasts with such a fine waist “that your two hands could close around”. In other words, thinness becomes an obligatory criterion (VIGARELLO, 2013, p.22).

Ao identificar a amamentação mercenária como principal causa da mortalidade infantil, o Estado não poupou esforços para induzir as mães a nutrirem os próprios filhos. No decreto da Convenção de 28 de junho de 1793, o governo francês, propôs o corte de auxílio financeiro para indigentes no caso de mães que não amamentavam, no ano seguinte uma lei prussiana passou a exigir que todas as mães saudáveis fossem responsáveis pelo aleitamento dos filhos (YALOM, 1998). Badinter (1985) também ressalta os investimentos do governo no campo da obstetrícia, como uma medida contra a mortalidade infantil.

A medicina lançou ameaças de toda sorte às mães que se recusassem a amamentar os seus próprios filhos. Classificadas como antinaturais, tais mulheres estariam arriscando a sua integridade física. Badinter (1985), cita o ginecologista francês Joseph Raulin, que afirma que o leite que não fosse expelido se espalharia pelo corpo causando uma série de enfermidades e podendo resultar em morte.

Ainda aos fins do século XIX, a autora localiza o médico Andre Theodore Brochard, para quem a supressão do aleitamento seria responsável por causar desde sangramentos nasais, até o câncer de mama, levando a paciente à morte. Badinter (1985) reforça que a recusa à amamentação passou a ser vista como um ato imoral e criminoso.

Os discursos filosóficos em prol de mudanças na conduta materna, se originaram no Iluminismo e nos ideais de igualdade e felicidade, atingindo as classes mais privilegiadas e a burguesia. Ao exaltar o casamento por amor, a família passou a ser valorizada enquanto um núcleo de afeto, e a esposa-mãe, escolhida e querida de seu cônjuge, recebeu status equiparado ao do pai para conduzir e corrigir os filhos. Nesse contexto, a violência do marido contra a esposa, antes amplamente normalizada entre tais classes, foi considerada barbárie. A maternidade é tida, portanto, como a máxima expressão de um casamento feliz (BADINTER, 1985).

Para Badinter (1985), Rousseau ocupa um papel central no conclave à amamentação materna. Com um discurso enérgico e incisivo, o filósofo francês deixa claro que o cuidado e o aleitamento é não somente um dever das mulheres para com os seus filhos como também representa o cumprimento de seus deveres para com o estado

Não contentes com terem deixado de amamentar seus filhos, as mulheres se recusam a fazê-los; a consequência é natural. A partir do momento em que o estado de mãe se torna oneroso encontra-se logo um meio de se desembaraçar dele inteiramente; quer-se realizar um trabalho inútil, a fim de recomeçá-lo sempre, e contra a espécie é que se volta a atração dada para multiplicá-la. Esse expediente acrescentado às outras causas de despovoamento anuncia o destino próximo da Europa. As ciências, as artes, a filosofia e os costumes que engendra não tardarão em fazer dela um deserto. Será povoada de animais ferozes; não terá mudado muito de habitantes (ROUSSEAU, 1979, p.18).

Godineau (1990) identifica a valorização da maternidade nos discursos revolucionários. Para o autor, a figura da gestante se tornou um símbolo da Revolução Francesa, mulheres foram exaltadas como as responsáveis pelo futuro da república e, portanto, tiveram o seu valor atrelado às suas funções reprodutivas.

Yalom (1998) reforça que no contexto da Revolução, o exercício do aleitamento materno, exaltado como uma prática saudável e pura, foi repetidamente comparado com a amamentação mercenária, tida como impura e putrefata. A autora retoma as origens aristocráticas da prática e nota que esta se tornou sinônimo do Antigo Regime. Seu desprezo, portanto, contribuía para reforçar a ruptura política.

Assim como a amamentação mercenária a modelação do corpo por meio de *stays* se torna símbolo dos valores da corte, sua adoção é frequentemente censurada e desprezada no contexto revolucionário. Para Vigarello (1995, p.32)

Os corpos que utilizam espartilhos são estigmatizados, tanto quanto são criticadas a rigidez e a afetação da postura do nobre. Sua fixidez relativa, vagamente afetada e cerimoniosa, torna-se polidez julgada agora excessivamente solene e antiquada. “As senhoras eretas, silenciosas, imóveis, presas em espartilhos, arqueadas...”, submetidas às civilidades de ostentação, devem doravante desaparecer, enquanto imagens pálidas e anacrônicas

No quinto livro de *Emílio ou da Educação*, Rousseau (1979) produz uma cartilha pedagógica para a instrução de Sophia, a futura esposa de seu herói. Às suas ríspidas críticas ao comportamento feminino, dentre as quais, como vimos, a amamentação mercenária ocupava papel central, o filósofo acrescenta o uso de *stays*. Ao desconfigurar as formas naturais, esses seriam responsáveis pela degenerescência da espécie humana. Ressalta ainda que a sua propriedade rejuvenescedora, capaz de devolver a mocidade às formas do corpo, é considerada antinatural.

Defendemos, portanto, que as críticas dirigidas ao uso de *stays*, estavam profundamente enraizadas no conclave das mulheres à amamentação materna. Ao proporcionar uma figura esguia, com cintura reduzida e seios firmes, o corpo que veste essa peça se aproxima de uma forma jovial e virginal, se contrapondo a um corpo maduro, submetido à constantes gestações, ou seja, a uma corporeidade lida como materna. O uso de *stays* passa a representar, portanto, um símbolo da recusa às funções maternas.

5 O CORSET MATERNAL

O processo de incorporação na própria noção de feminilidade do amor materno, do cuidado e da amamentação dos filhos, do isolamento nos domínios da domesticidade,

coincidiu, portanto, com o abandono dos *stays*. A figura, a postura e a gestualidade por eles produzida foram desprezadas e seu uso passou a representar um estado obsoleto, tanto para o novo contexto social e político, quanto na esfera da intimidade e da família, possibilitando a introdução de novos valores burgueses.

Testemunhas desse fenômeno, novos estilos surgiram para fundamentar vestidos sem estrutura, vaporosos, que faziam referência à estatuária greco-romana aos moldes do neoclassicismo. Denominados *stays* de transição, essas peças eram muito curtas e tinham como função sustentar as preciosas mamas. O formato triangular, rígido e cônico, foi gradualmente desaparecendo, cedendo espaço para o surgimento de um novo estilo.

No novo século, surge uma nova peça para cobrir o corpo feminino, finalmente denominada *corset*. Desprovida de estruturas rígidas, sua sustentação é garantida graças à acordoamentos (BARAO, 2019), e apresenta uma aparência funcional e singela. O *corset* do século XIX leva em consideração as curvas do corpo feminino, sua modelagem faz uso das nesgas como recurso para dar forma arredondada ao busto e às ancas, valorizando e acomodando as regiões mais representativas da função reprodutiva.

É neste contexto que *corsets* específicos para a gestação são inventados. Até que a patente de Elizabeth Adams (1841) seja publicada, Madame Burtel (1828) no manual *Art de faire les corsets, suivi de l'art de faire les guêtres et les gants* de instrução à corseteria, inclui um modelo destinado às gestantes, este permite não apenas a expansão do abdome e do busto, como também conta com uma abertura sob as mamas para viabilizar o aleitamento.

Tal modelo prenuncia um grande sortimento de *corsets* destinados à amamentação e ao suporte abdominal que serão produzidos pela corseteria industrial. Esta surge em meados do século XIX, e seu desenvolvimento pode ser sentido na abundância, abrangência e pluralidade dos modelos disponibilizados não apenas para as necessidades específicas da maternidade, mas também para crianças, jovens, adultos e senhoras, abrangendo todas as fases da vida da mulher vitoriana.

Ao contrário dos *stays*, os *corsets* para a gestação e amamentação são amplamente validados pela medicina. Em *Hygiène générale de la Femme: menstruation, fécondation, stérilité, grossesse, accouchement, suites de couches, principales maladies de la Femme*, a Doutora Marie Schultz (1909) recomenda que suas pacientes gestantes adotem um *corset* específico a partir do quarto mês da segunda gestação.

Por mais absurda que a adoção de *corsets* durante a gestação possa parecer para os padrões contemporâneos de saúde, é importante notar que a criação de peças específicas para essa circunstância representou um avanço considerável para o corpo das mulheres. Pudemos notar na patente de Adams (1841) que as funcionalidades empregadas tinham como objetivo beneficiar esse corpo por meio do suporte do abdominal, proporcionando conforto e auxiliando na movimentação.

Em consonância com os valores pós-revolucionários, os *corsets* criados para atender as necessidades do corpo materno representam uma ruptura com os antigos *stays*, que ao serem adotados durante o período gestacional não consideravam as particularidades do corpo.

6 O CORSET E O ABORTO

Apesar de favorável ao uso do *corset* materno, a medicina não poupou esforços para censurar o que chamou de abuso do uso de *corsets*. A prática denominada como *tight lacing*, ou amarração apertada, em português, era interpretada como uma forma excessiva de ajuste da peça para os padrões vigentes. Esta foi amplamente condenada, principalmente, pelos riscos que poderia trazer à função reprodutiva.

O historiador David Kunzle (2013) examina tais relatos médicos com cautela. Constata que as acusações de usar o *corset* para esconder a gestação eram, sobretudo, direcionadas à classe trabalhadora e às prostitutas, revelando, portanto, que estavam carregadas de outros estigmas sociais.

Kunzle (2013) relaciona os ataques ao *corset* a outros cerceamentos, tais como a condenação de métodos contraceptivos, da masturbação ou de qualquer tipo de sexualidade que não resultasse em procriação. O autor constata que tais manifestações seriam produzidas por uma ansiedade generalizada motivada pelo risco de despovoamento, sobretudo na França. Novamente percebemos a vigência de discursos que exprimem os interesses do Estado sobre a função reprodutiva das mulheres.

Para Riddle (1997) o estreitamento da vigilância sobre o aborto foi profundamente fortalecido no período vitoriano. Já no primeiro ano do reinado da Rainha, a legislação inglesa passou a considerar crime o interrompimento da gestação em qualquer estágio, e não apenas a partir do momento que a mãe pudesse sentir o bebê, se certificando, portanto, de que estava grávida. O crime passou a ser punido com pena de 3 a 15 anos de prisão.

Segundo o autor, a preocupação com a relação entre densidade populacional e o poder do Estado, fez com que detalhes íntimos fossem cada vez mais evocados diante dos tribunais. A partir de 1780, informações relacionadas aos ciclos reprodutivos converteram-se em provas e argumentos judiciais e o útero tornou-se um órgão público.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As transformações identificadas na modelagem, estrutura e usos de *stays* e *corsets* são representativas das profundas alterações sociais que impactaram as práticas da maternidade e a própria noção de feminilidade. Tais trajes converteram-se em testemunhas de um intenso processo responsável por rupturas paradigmáticas que fundaram comportamentos tomados como naturais na contemporaneidade.

Notamos que os mesmos discursos responsáveis por inscrever o amor materno, os cuidados e a amamentação dos filhos incondicionalmente na feminilidade foram representativos de um projeto governamental que ambicionava o controle das funções reprodutivas para a preservação e incremento do capital humano.

As críticas moralistas, médicas e políticas que condenavam o uso de *stays* e *corsets* foram as mesmas que se destinaram à agência das mulheres urbanas dos séculos XVIII e XIX. O uso de tais peças passou a representar uma manifestação de insurgência contra o estabelecimento de formas de controle ainda mais opressivas sobre os seus corpos e papéis sociais. Estes discursos serviram fundamentalmente à consolidação do processo de reclusão das mulheres na esfera doméstica⁴.

REFERÊNCIAS

ADAMS, Elizabeth. **Method of manufacturing corsets to be worn by females during pregnancy or suffering under umbilical hernia or abdominal weakness**. Depositante: Elizabeth Adams. US1940. Concessão: 21 jan. 1841.

ARNOLD, Janet, TIRAMANI, Jenny, COSTIGLILO, Luca, PASSOT Sébastien, LUCAS, Armelle, PIETSCH Johannes. **Patterns of Fashion 5: The content, cut, construction and context of bodies, stays, hoops and rumps c.1595-1795**. Londres: The School of Historical Dress, 2018.

ARIÈS, Philippe. **História social da criança e da família**. Rio de Janeiro: Editora LTC, 1986.

BADINTER, Elisabeth. **Um amor conquistado: o mito do amor materno**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

⁴ Texto revisado por Daniel Martins Alves Pereira, professor universitário, dramaturgo, diretor e ator, formado em Letras com Licenciatura Plena em Língua Portuguesa e Língua Inglesa; graduado em Artes Cênicas, Bacharel em Interpretação Teatral e Mestre em Estudos Literários pela Universidade Estadual de Londrina. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5950752819059205>. E-mail dcenias@hotmail.com

BARAO, Laurie. **Corps et corsets, du milieu du XVIIIe siècle à la fin des années 1820**. 108 f. Dissertação (Mestrado). Lyon, Université de Lyon 2, 2019.

BENDALL, Sarah, A. **Bodies of Whalebone, Wood, Metal, and Cloth: Shaping Femininity in England, 1560–1690**. Tese (Doutorado), Sydney: University of Sydney, 2017

BURTEL. **Guide des dames et des demoiselles: Arts de faire les corsets, suivi de l'art de faire les guêtres et les gants**. Paris: Audot, 1828.

DIDEROT, D.; D'ALEMBERT, J. R. **Enciclopédia ou dicionário razoado das ciências, das artes e dos ofícios**. São Paulo: Editora Unesp, 2015.

KUNZLE, D. **Fashion & Fetishism. Corsets, Tight-Lacing & Other Forms of Body- sculpture**. Gloucestershire. The History Press (kindle edition), 2013.

MOON, Cassandra Curry. **Selecting and adapting clothing for pregnancy in the nineteenth century**. Dissertação (Mestrado). Iowa State University, 1995.

RIDDLE, John M. **Eve's Herbs: A History of Contraception and Abortion in the West**. Cambridge: Harvard University Press, 1997.

ROCHE, Daniel. **A cultura das aparências: uma história da indumentária (séculos XVII-XVIII)**. São Paulo: SENAC, 2007.

ROUSSEAU, J.-J. **Emílio ou da educação**. São Paulo: Difel, 1979

SCHULTZ, M. **Hygiène génitale de la femme, menstruation, fécondation, stérilité, grossesse, accouchement, suites de couches, principales maladies de la femme**. Paris: Ocyave Doin, 1902

SINGH, D., et al. 'Did the perils of abdominal obesity affect depiction of feminine beauty in the sixteenth to eighteenth century British literature? Exploring the health and beauty link'. **Proceedings of the Royal Society**, vol. 274, p. 891 – 894, 2007.

VIGARELLO, Georges. **Pánoplias corretoras: balizas para uma história**. In; SANT'ANNA, Denise Bernuzzi de. **Políticas do corpo**. São Paulo: Estação Liberdade, 1995.

VIGARELLO, Georges. **The Metamorphoses of Fat: A History of Obesity**. New York: Columbia University Press, 2013

GODINEAU, Dominique. **Fonction maternelle et engagement révolutionnaire féminin.** In; LÉVY, Marie – Françoise. *L'enfant, la famille et la Révolution française.* Paris: Olivier Orban, 1990

YALOM, Marilyn. **A history of the breast.** London: Pandora, 1998.

Data de submissão: 15/06/2022

Data de aceite: 04/08/2022

Data de publicação: 07/09/2022

